

Discurso de Lançamento de Seca...

Teoberto Landim

Começo com a lição do dramaturgo francês, Racine: “Se os homens não tivessem a faculdade, uma faculdade igual, de se comoverem e de se enternecerem reciprocamente, eles se tornariam rapidamente estrangeiros uns dos outros: eles se dispersariam ao acaso sobre o globo e as sociedades se dissolveriam(...) o exercício dessa potência é, ao mesmo tempo, o mais doce de todos os nossos prazeres e a mais imperiosa de todas as nossas necessidades”.

Portanto, a conjugar sabedoria, comunhão e comunidade humana, torna-se para mim um ancoramento para prosseguir decidido no meu enfrentamento do mundo. Nesse enfoque abro espaço para fazer meus agradecimentos: primeiro ao Centro Cultural Oboé, e a TT – Propaganda, na pessoa de nosso amigo Tarcísio Tavares, que patrocina este momento de conagração, que hoje se reveste de corpo e signo e é indissolúvelmente envolvido nos lugares de articulação de nossas imagens acadêmicas, intelectuais e artísticas; Cumprimento os colegas da universidade na pessoa da diretora de Centro de Humanidades, professora Fátima Costa; Cumprimento particularmente meus colegas do Departamento de Literatura, na pessoa da Chefe do Departamento, professora doutora Elizabeth Dias Martins; Cumprimento e homenagem os professores e alunos do Colégio Irmã Maria Montenegro na pessoa da diretora professora Rita Maria Machado Landim; homenagem e cumprimento os professores do querido Liceu do Ceará, o que faço através da professora Ana Maria Nogueira; cumprimento carinhosamente os alunos aqui presentes, ao grupo de teatro do CIMM na pessoa da professora Maurícia pelo bonito trabalho que vem fazendo; saúdo os meus familiares aqui presentes através de minha irmã Graça. Aos amigos em geral meu muito obrigado, a ausência de vocês me entristeceria muito. E à Amélia, eu não apenas agradeço, mas me ofereço de corpo e alma este outro corpus escrito nestes versos:

Escrevo minhas
Lágrimas
Nas entrelinhas
Dos meus dias turvos

Escrevo sobre a margem

Dezenas de gotas
Que lavram minhas
Branças páginas

Escrevo em roda-pé
Minhas trevas de passagem

Escrevo para você
Linda sereia
Na seda areia
Porque noutra lugar
A aranha tece a teia.

Meu caro poeta e crítico Dimas Macedo, agradeço de coração o seu estudo sobre minha produção ficcional e intelectual, discorrendo com segurança teórica e competência analítica numa escrita e exposição professoral, de mestre que conhece as artimanhas da literatura, porque convive com ela em todas as suas dimensões. Fiquei envaidecido, mas sei que parte de suas palavras fica por conta de nossa amizade, ou por não dizer de sua generosidade. Entretanto, tenho plena consciência que sempre foi da sua personalidade de crítico-literário o compromisso com a verdade, portanto, meu caro confrade, mas uma vez te agradeço o precioso estudo que se somará a outros que são também marcadores de minha produção literária nos campos da ficção e da crítica literária.

Senhores e senhoras, não pretendo falar deste livro, porque dele falou Dimas Macedo, preenchendo lacunas, pontuando idéias e costurando linguagem. Livro publicado sai do domínio do seu autor e passar a nadar com seus próprios pés, ou seja, ele é o que, como diz Derridá, ele é órfão, não podendo mais seu autor interferir sobre o que dele dizem. Num certo sentido, o corpo torna-se escrita e inscreve-se com isso numa escala de imortalidade. Os corpos escritos se imortalizam em suas obras, a despeito de elas suscitarem um espécie de esfacelamento. Se não vou falar do livro que ora entrego ao público leitor, por outro lado abro o arquivo da memória, tomando o conceito de arquivo metaforicamente enquanto conhecimento arqueológico, pois, na origem do termo, encontra-se a concepção de “arque”, de lembranças e sua escavação. Assim, levamos igualmente em conta que o arquivo representa um “desejo da memória”, ou seja, uma força inconsciente que impele o memorialista a buscar

sua imagem no discurso. O próprio corpo, transformado em arquivo, torna-se objeto arquivável, isso se considerando os estudos de políticas do corpo, os quais remetem às práticas corporais, em que o corpo se transforma em produção histórica e cultural, ou em processo de conhecimento, de sensibilidade individual e percepção social.

Essa inscrição na história e na cultura criou caminhos novos de interpretação que têm sido investimento para uma nova compreensão da literatura, incluindo-se a noção de corpo autoral como texto.

Michel Serres, no seu livro *Variações sobre o corpo*, coloca-nos do mesmo modo, diante do corpo escrito, na forma de uma revelação surgida no crepúsculo de sua vida. Diz que “o corpo generaliza infinitamente os deslocamentos”, e conclui que o corpo não se reduz à fixidez nem à realidade: menos real do que virtual, ele visa ao potencia, ou melhor, ele vive no modal. Longe de um estar lá, ele se movimenta, não se desloca apenas no trajeto daqui para acolá, mas forma-se, deforma-se, transforma-se, alonga-se, figura-se e transfigura-se proteiforme.

Essa noção, sem dúvida, autoriza o rito de inscrição desta minha fala, visto que nela guardam-se corpos escritos. Sujeitos nos objetos e vice-versa. O estranho, noção que me é cara e advém não só da leitura dos formalistas russos, mas também da obra freudiana, introduz-se no arquivo, no familiar, incorporando-se aqui para fazer falar a presença/ausência, as semelhanças e dessemelhanças ao se trocarem os perfis do passado. Essa noção de estranho (do estrangeiro) produz em mim um sentimento de uma estrangeiridade constitutiva, estranhando-se do *nós* sempre na trajetória do desconhecido, daquele que escapa, está sempre de fora e parece falar uma outra língua intraduzível.

Então, à medida que falo vai avultando essa estrangeiridade em mim, fazendo meu corpo falante vulnerável a entrada do estranhamento, àquilo que me sugeria um aparente controle e intimidade. Verifico que a estrangeiridade é comum em espaços de formação intelectual, centrada em relações de força e sujeição. Esses espaços forjam uma espécie de gramática do intelectual, do professor e pesquisador. Digo uma gramaticalidade em que a regra – o familiar – é permanentemente interpelada pela exceção – o estranho – daí, eu repetir, este estranho se reveste de corpo e signo e é indissolivelmente envolvido nos lugares de articulação de nossas imagens acadêmicas.

A figura do estranho que formulo obedece juntamente a um princípio de migração a que me dei conta desde cedo e á tendência de uma identidade sem fronteiras, não demarcável e mutável. Tal sujeito migrante em mim levou

a nascer no Pio IX, Piauí, sair para o Ceará apenas aos seis meses de idade, e a partir de então ampliar os deslocamentos com sucessivas desterritorialização, então, não sabidas, agora reconhecidas. Isso vale dizer como Edward Said, que sou um “fora de lugar”. Mas para configurar este traçado migratório faz-se necessário voltar as recordações escolares. Minha história de vida segue, desse modo, uma disposição para o transito e para a movência. Sai de Ararendá (antiga canabrava dos mourões, no sopé da serra da Ibiapaba) para Crateús, onde iniciei os primeiro estudos sob a égide da palmatória da madrinha Francisca, no Instituto Santa Inês. Estudos logo interrompidos porque escolhido para ser padre ingressei no Seminário dos padres jesuítas em Baturité. (foi a primeira vez que andei de trem e passei por Fortaleza). Nas férias fui logo devolvido à família porque não acompanhava os estudos. No ano seguinte dei início aos estudos preparatórios em Nova-Russas (sob a batuta do Pe. Leitão) para entrar novamente no Seminário, desta feita em Sobral. Lá encontrei curiosamente uma escola que pautava o ensino em modelos franceses, dando aos alunos além dos conhecimentos intelectuais, outros consagrados à educação artística, com aulas de música. Ainda hoje ecoam em meus ouvidos os cantos gregorianos, os sons do órgão, e pareço ver o dedilhar do padre Luizito no seu teclado. Não tendo vocação deixei a batina no dia oito de dezembro de 1960, indo com a coragem e cara para Fortaleza, onde já estudavam e trabalhavam dois irmãos, Teobaldo, falecido precocemente, e o outro, Luis Carlos, aqui presente, Fazíamos uma dupla de exilados no seu próprio território, por a regra – a família estava ausente. Iniciei o curso científico no Liceu do Ceará, em 1961, mas nunca entendi de números nem de fórmulas de física e química. Sendo o quarto de doze irmãos, de uma família simples, mas preocupada com o futuro dos filhos, moveram-me os sentimentos de uma juventude ansiosa por horizontes mais largos; fui nomeado pelo presidente Jango funcionário dos Correios, emprego que me deu segurança para continuar estudando, foi quando ingressei no Curso de Letras da UFC, em 1965. Em contato com o estudo de línguas, conscientizei-me que o estrangeiro era para mim, sobretudo, um estado de espírito, uma pulsão imaginária para o exílio, pois eram constantes os contatos com professores de outros países nos cursos de línguas. Na década de setenta ingressei como professor de literatura. Tempos depois, e ainda pela via da estrangeiridade, no sentido de estar nessa caminhada para longe da família, entrando e saindo de territórios alheios, dentro do próprio território nacional, que sofre de uma endogenia etnocêntrica, que estudei e vivi no estado do Rio de Janeiro, matriculado no Curso de Mestrado e logo

em seguida no doutorado, que culminou com a bolsa de estudo do DAAD, para continuar os estudos na Universidade de Colônia na Alemanha. Contraditóriamente ao meu estranhar permanente (de um fora do lugar), em vez de me dispersar, me concentraria, num ideal de mestre, no comum, numa comunidade de fins e objetivos; que, em vez de me dissolver num indiferenciado global, me instaurei na diferença e no respeito à alteridade.

Como vimos, a estrangeiridade me cercaria e me tomaria pelas mãos dentro da casa nacional, de fora para dentro, de dentro para fora. Sublinho, deste modo, o papel do estranho tanto no caráter da minha formação na UFC, mais tarde na PUC/RJ, alguns cursos na USP/SP, quanto no pesa da contribuição que a Universidade de Colônia, na Alemanha, me deu. Pôs-me em contato mais radical com o pensamento francês, não clássico, a que se deveu a desconstrução da tradição universal na filosofia. O grande ganho foi introduzir-nos na relação de multidisciplinaridade, na pluralidade dos saberes e nas questões de construção de identidades. A alegoria benjaminiana respondia com graciosidade e seletiva leveza ao ato da montagem e colagem tão utilizados em anos anteriores, retirando o intelecto e a razão da solidão, da forte melancolia, dando-lhes como parceiros sentimentos, imagens, percepções ruptoras e cambiantes, chamando a herança simbólica a falar de suas lacunas e incompletudes.

O brinquedo do melancólico fazia suportar a, às vezes, polêmica reflexão, a se desenrolar nas aulas, a se estender nas tardes quentes do verão carioca, ou naqueles dos dias frios do inverno europeu.

Eis, senhores, uma trama do arquivista entre Tanatos e Eros. Eis a ação do meu arquivo da memória com suas lacunas e incompletudes, que acaba se mostrando na sua natureza de linguagem.

E que pode ser tomado, assim, como uma narrativa, remetendo a representações sociais, culturais e artísticas. Neste aspecto, o que é arquivado na memória revela-se, então, como espaço que abriga a palavra viva que se resgata para a iluminação do presente. Remeto a tais passagens acadêmicas de minha vida, na medida que elas deverão se refletir na escrita dos meus livros, para justificar o sentido de me inscrever numa rede simbólica de valores, parâmetros teóricos, práticas e estratégias comportamentais em espaços institucionais, numa escritura em que me abandono fazendo-me outro em outros. Faço assim a inscrição da imagem do meu corpo no meu corpus. Para o professor, pesquisador e crítico, atividades intensamente marcadas por espelhos, a imagem será entendida como forma de registro de auto-imagens, além de

evanescentes, fragmentárias e, ao serem recompostas, produzirem um efeito de jogo de armar. Finalmente proponho uma ação para que nossas imagens não se destinem à fixidez tumular: há pois uma ação de Eros a empreender para refecundá-las. Devolvamos a elas (nossas imagens) um quantum de dinamicidade! Demos a elas a potência da vida!